

Em fevereiro de 2014, percorreu o mundo a notícia do falecimento de JOSÉ LUIZ SAUEZ, famoso técnico da Seleção espanhola de futebol. Jogador exímio notabilizou-se por ter levado os espanhóis à vitória do último mundial, em 2010. Além da tristeza pela perda do grande técnico, surgiu também daí certo espanto: por que Saez optou pela morte induzida, interrompendo o doloroso sofrimento provocado pela luta contra a leucemia? Esta atitude é moralmente aceitável? Como analisa-la do ponto de vista cristão? Não se trata de eutanásia? .

Voltando um pouco no relógio do tempo, deparamo-nos com o Papa Francisco, respondendo a uma repórter: “Quem sou eu para julgá-los”? (sobre o casamento homoafetivo). A afirmação provocou reações diferenciadas como por exemplo: Estará o Papa, a favor dos homossexuais? Ou então: que resposta bem dada, devido ao seu teor evangélico. Estes dois fatos levam-nos a indagar: terá a ética cristã mudado? Afinal, não existem referências éticas claras para os cristãos? Qual seria a opinião de Jesus sobre estas duas situações?

Uma aproximação à ética de Jesus

Convido vocês, leitores e leitoras, a interagirem comigo nesta tentativa de aprofundar um pouco a Ética de Jesus. Este empreendimento é muito complexo porque, provavelmente, esta riquíssima temática ultrapassa as informações veiculadas pelos diferentes meios de comunicação. Mesmo tendo nos Evangelhos referenciais iluminadores imprescindíveis, encontramos dificuldades. É claro que a leitura deles pode indicar-nos os elementos principais da práxis de Jesus, durante sua caminhada histórica junto ao povo. Porém, existe o obstáculo hermenêutico (interpretativo) daquilo que Mateus (Mt), Marcos (Mc), Lucas (Lc) e João (Jo) registraram. Podemos ler e não perceber o que movia as ações e os relacionamentos de Jesus, Messias servidor, revelador da misericórdia e do Amor de Deus. Talvez a afirmação “... e Ele, Jesus, passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam escravizados...” (At 10,38), possa ser considerada a síntese de toda a ética/práxis de Jesus. Mas, justamente aqui, onde parece que terminamos é que pretendemos começar.

A ética no horizonte da práxis

Normalmente, o tema ética abre-nos o discurso sobre o certo e o errado, sobre o que convém ou não convém. Inúmeros enfoques tornam este assunto relevante e muito variado: bioética, ética política, profissional, religiosa, normativa etc. Muitos estudiosos reforçam o aspecto teórico da ética e, às vezes, de modo reducionista, definindo-a como reflexão crítica sobre a moralidade, ou então, como conjunto de princípios, de orientações para o agir socialmente correto. Neste caso, ética e moral se entrelaçam e, muitas vezes, em permanente tensão. Os princípios éticos podem e devem estar voltados para a ação, tendo em vista

atitudes mais humanizadoras do cotidiano. A ética voltada para a ação abre-nos o horizonte da práxis e da questão dos valores. Tanto os valores que “satisfazem a interesses universalizáveis” (como a justiça), os chamados “mínimos”, que valem para todos, quanto os chamados “máximos”, que compõem a “ética da felicidade”, os que aconselham, mas não exigem que sejam seguidos universalmente (CORTINA, A., 2005, 115).

É preciso percorrer o caminho de Jesus

É claro que Jesus não agiu pensando em que ética se inspirava. Contudo, para alguns as bem-aventuranças, os pronunciamentos de Jesus na montanha (Mt 5) ou na planície (Lc 6), constituem o resumo das orientações éticas que Ele indicou aos seus seguidores. Mas, com certeza, Jesus não identificou as bem-aventuranças com um código moral para proibir e limitar possibilidades de escolhas. Elas são anunciadas como proposta que abre horizontes de vida, de felicidade, gerando libertação para o agente e para o receptor: justiça, misericórdia, paz etc. Contudo, evitemos conclusões precipitadas. Antes, é necessário considerarmos a orientação de Marcos evangelista: a “práxis” de Jesus é aprendida por aqueles que percorrem, com Jesus, o caminho DELE: “Vinde em meu seguimento” (Mc 1,17). Mesmo assim, muitos que O seguiram de perto não O entenderam. O que terá faltado? Fé, confiança, abertura para a mudança (conversão)? De nossa parte, vamos nos colocar a caminho com Jesus, para entender ao menos um pouco de sua práxis questionadora.

Terá sido Jesus um anarquista?

Jesus, embora tenha dito que não veio para destruir ou abolir a Lei (Mt 5,17), foi considerado por alguns como anarquista (desordeiro) e por outros como revolucionário (modificador do “status quo”). Anarquista me parece muito ousado, improvável. Revolucionário? Em certo sentido, sim. Ele inverteu a pirâmide social, privilegiou os doentes, marginalizados, pobres e indefesos: “Muitos dos primeiros serão últimos, e os últimos serão primeiros (Mc 10,31), incluindo mulheres e crianças e outros a quem a sociedade não dava nenhum valor”. É instigante e libertador ouvir os “discursos” de Jesus aos fariseus – os éticos da religião daquele tempo. Jesus os repreendeu, os contestou, duramente, algumas vezes. Por exemplo, em Mt 23, Jesus critica a hipocrisia e vaidade dos escribas (doutores da Lei) e dos fariseus. Seus argumentos diante dos profissionais religiosos, dos defensores da Aliança da Pureza, esclareceram que leis e preceitos da religião e do templo só têm valor, quando libertam e promovem a vida, a pessoa (GARCÍA RUBIO, A., 2014).

Uma práxis da convivência

Seguramente, é insuficiente ouvir Jesus. É na convivência com Ele que percebemos a motivação de suas ações, de sua práxis e sua inquestionável coerência: Ele conviveu, sentiu com o povo. Percebia a necessidade das pessoas e atuava, cuidando, aliviando, libertando,

defendendo. A quem? Aos pobres, pequenos, mulheres e crianças, doentes, pecadores e excluídos da sociedade e do exercício da cidadania. Jesus não olhava para trás. Olhava para o lado e para frente. Não deixava as pessoas sozinhas. Papa Francisco compreende muito bem esta práxis de Jesus, ao afirmar que é preferível uma Igreja que sai e vai encontro do povo – ferida, atingida-, do que uma Igreja preservada, tipo Igreja de laboratório, de sacristia, defendida pelos muros dos templos (PAPA FRANCISCO, 2013-14).

Jesus se deixou atingir pelo sofrimento, pelo medo dos oprimidos, pela angústia dos desamparados. Solidariamente, se envolveu na trama humana, provocando libertação e todo tipo de “renascimento”. Novos caminhos e possibilidades surgiram de sua práxis libertadora, em fidelidade ao messianismo de serviço, anunciado no dia do batismo Dele (Mt 13).

Práxis do encantamento

Seria, então, a ética de Jesus uma práxis do sentimento, da compaixão? Não a identificaria simplesmente assim. Jesus não foi um inconsequente sentimental. Podemos perceber na ética/práxis DELE um elemento teórico, um projeto, uma intenção iluminadora. Mas, atenção, não se trata de uma ética do dever, da obrigação regida por normas rígidas e escravizadoras semelhantes às leis impostas pelos poderosos, para controlar e dominar os demais. A ética de Jesus é práxis “amorizada”, porque não é motivada somente por áridas convicções intelectuais, mas, sobretudo pela paixão, pelo encantamento:

a. encantamento pela vida: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10)

b. “Encantamento pelas pessoas: “Em verdade vos digo, cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40): sofredores, doentes, marginalizados e excluídos da sociedade...”. Sua jornada terrena é semeada de encontros com amigos, “Havia um doente Lázaro de Betânia... Ora, Jesus amava Marta e sua irmã (Maria) e Lázaro” (Jo 11, 1.5). O milagres realizados por Ele são sinais reveladores de compaixão e ternura (GARCÍA RUBIO, A., 2014).

c. Encantamento pela natureza: muitas referências a lírios dos campos, videiras, montanhas e lagos são encontradas nos Evangelhos.

Na convivência com Jesus, descobrimos muitos outros “encantamentos” motivadores de sua práxis. Junto DELE, percebemos que é preciso deixar-se encantar, seduzir, antes que se deixar “convencer” por normas, muitas vezes frias e geradoras de intolerância. Normas que podem escravizar e cortar o criatividade da vida. À luz da práxis de Jesus, vale a pena perguntar: os encantamentos que impulsionam nosso agir aproximam-se dos encantamentos de Jesus?

O núcleo dos encantamentos de Jesus

Avançando no itinerário que Jesus percorreu, na etapa histórica de AMOR/SERVIÇO, chegamos ao núcleo mais profundo dos seus encantamentos: a paixão pelo PAI, a forte, consistente e contínua experiência de Deus Amor e o encantamento por um projeto “revolucionário”: o Reino de Deus. Desta experiência prioritária do amor por Deus Pai é que brota a paixão pelo Reino de Deus e também todos os demais encantamentos da práxis de Jesus. Do dinamismo deste projeto- o Reino de Deus entre nós- decorrem algumas prioridades da práxis de Jesus:

- a. Em primeiro lugar, o amor de Deus
- b. O valor e a defesa da vida: “a integridade da vida, a segurança de viver, a dignidade e os direitos da vida, a felicidade de viver” e de viver a vida mais plena (CASTILLO, 2010, p. 83).
- c. A centralidade da pessoa e das relações humanas libertadoras que capacitam homens e mulheres para o exercício adulto da cidadania e para a reintegração na sociedade. Por isto foram realizados milagres: “Ele passou fazendo o bem, curando os doentes, restituindo a visão, libertando os prisioneiros” (At 10,38).
- d. A “práxis” da misericórdia em contraposição à tendência ao exercício do poder, à imposição autoritária sobre a população por parte daqueles que “estão convencidos de que suas decisões são a expressão mais autorizada da vontade Deus” (CASTILLO, 2010, p. 81);
- e. O AMOR-SERVIÇO. Jesus não era um homem do dever, do cumprimento da lei religiosa como objetivo principal. Ele não aceitou, passivamente, a supervalorização de uma ética do dever ou do legalismo religioso que pode levar à “brutal violação do próprio (e verdadeiro) centro do comportamento ético, a saber o respeito à dignidade, à liberdade, aos direitos e à vida das pessoas” (CASTILHO, 2010, 77). A práxis de Jesus é amorosa. “Põe tua fé no Amor. Bota AMOR” (PAPA FRANCISCO, 2013). Daqui decorre a centralidade do AMOR-SERVIÇO, expressado em ações libertadoras, que dignificam e promovem as pessoas, que restituem a alegria, a saúde, que defendem a justiça e ressignificam a paz, o sentido da vida, a convivência, a fraternal solidariedade. Este horizonte do Reino de Deus não é o horizonte do céu, como o entendemos, colocado no fim dos tempos. É, antes, a construção de um espaço social, onde acontece a soberania de Deus Amor, onde somos impulsionados à práxis do amor/serviço, para que todos tenham vida abundante.

Um caminho que pede continuidade

A caminhada com Jesus não termina aqui. Este texto pretende ser apenas uma introdução à reflexão sobre a práxis de Jesus. O Cristianismo, como tantas outras religiões, nos tem indicado a ética da renúncia, da superação, da tolerância, da

paciência, da negação do prazer proporcionado pelo amor entre os seres humanos (CASTILLO, 2010, 67). Mas, não basta. O que importa é que nos coloquemos a caminho com Jesus, motivados pela desconcertante humanidade de sua “práxis”. Ele não nos propõe exigências que contradigam nossos desejos mais profundos e mais humanos. Aprendemos muitas coisas que controlam nosso comportamento, mas, hoje, é preciso aprender que o prioritário é “amar, buscando sempre a felicidade das outras pessoas, seu prazer, sua alegria, sua liberdade, sem pretender dominá-las ou manipulá-las, tornando-as nossa imagem e semelhança” (CASTILLO, 2010, 68) e, que fique claro, sem deixar de lado nossos anseios pessoais de felicidade. Neste contexto é que acontece a práxis de Jesus, sua ética decorrente do projeto do Reino de Deus assumido por aqueles que amam, são amados e se engajam, amorosamente, na luta pela melhoria das condições de vida.

Concluindo, voltemos ao início do texto: na perspectiva do projeto de Jesus, como fica a decisão de José Luiz Saez de morte induzida? E como valorar as palavras do Papa Francisco sobre casamentos homoafetivos, e sobre a necessidade de uma “Igreja ferida”? Estarão de acordo com a ética de Jesus?

Serão as bem-aventuranças um código de felicidade?

O caminho não terminou. Neste caso, aprende-se o caminho, caminhando com Jesus: “E, imediatamente, deixando as redes, eles O seguiram” (Mc 1, 18).

BIBLIOGRAFIA:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

PAPA FRANCISCO. Discursos, entrevistas e pronunciamentos diversos. 2013-14. Acessível em: <http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>.

CASTILLO, J.M. *A Ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

CORTINA, A & MARTÍNEZ, E. *Ética*. São Paulo: Loyola, 2005.

GARCÍA RUBIO, A. *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 2014.